

Trabalho realizado para a Jornada Externa- SPID-2008

Flavia Braunstein Markman

Introdução

A partir da apresentação de um dos textos de Freud, “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, pretendo apresentar uma síntese sobre o conceito teórico do narcisismo e a multiplicidade de fatores que propiciaram à estruturação do Corpo/sujeito contemporâneo e prevalência do registro do imaginário e uma de suas consequências na estruturação do psiquismo.

Para a constituição da realidade psíquica, para além de alguém que vá decodificando e nomeando os primeiros balbucios de necessidade da criança, uma série de interações que são vivenciadas pelos aspectos culturais e sociais, sem deixar de lado a questão biológica, pois a realidade psíquica necessita de um suporte corporal para que as pulsões possam inscrever, sobre esse corpo, sua história libidinal.

Porém, a cultura na qual a criança nasce carrega toda uma história e formas de pertencimento que se particularizam em seu meio familiar, propiciando traços identificatórios, valores e normas que são parâmetros balizadores para a construção da subjetividade e da realidade psíquica.

Freud (1914a), em *Introdução ao narcisismo*, desvincula o narcisismo da psicopatologia sexual e faz dele um conceito que

oferece um entendimento a respeito da constituição do eu e do objeto. Indagações anteriores já o haviam levado a pensar a respeito da evolução libidinal do sujeito normal, do autoerotismo ao amor de objeto:

Designamo-lo 'Narzissismus':

"[...]. Consiste em que o indivíduo empenhado no desenvolvimento e que sintetiza em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade auto-erótica para ganhar um objeto de amor, toma primeiro a si mesmo, a seu corpo próprio [como objeto], antes de passar deste à eleição de objeto numa pessoa alheia."(Freud, 1914)

Neste texto, Freud diferencia libido narcísica (ou libido do eu) e libido de objeto. Esta diferenciação terá consequências no seu entendimento sobre o amor.

Freud salientou também que haveria dois caminhos possíveis para a escolha de objeto pela criança, que estariam relacionados aos dois objetos sexuais originários: a mulher que cuidou dela e ela própria. Esses tipos de escolha objetual foram denominados, respectivamente, de anaclítico (ou de apoio) e narcísico.

No tipo anaclítico, há uma transferência do narcisismo vivenciado na infância para o objeto. No tipo narcísico, ama-se a si mesmo, ao que se foi, ao que se gostaria de ser e à pessoa que foi parte de si mesmo. A relação entre libido narcísica e libido objetual seria inversamente proporcional, ou seja, enquanto uma aumenta, a outra se empobrece.

Para Freud, “no enamoramento, a libido de objeto encontra-se no seu estado mais elevado em detrimento da libido narcísica, que fica empobrecida pelo investimento ao objeto amado.” A libido só se dividiria em libido narcísica e de objeto após a possibilidade de investimento. Para Freud, no enamoramento, a libido de objeto encontra-se no seu estado mais elevado em detrimento da libido narcísica, que fica empobrecida pelo investimento ao objeto amado. Na verdade, a libido somente se divide em libido narcísica e de objeto após a possibilidade de investimento no objeto, o que diferenciará o estado autoerótico do estado narcísico. Assim, o narcisismo constitui-se por uma “nova ação psíquica” agregada ao autoerotismo, que desembocará, posteriormente, na constituição do eu (Freud, 1914/1990a, p. 74).

A não-existência de um eu inicial, primordial, é um dos pressupostos que se mantém desde a origem da psicanálise. Simanke (1994) concluiu que a nova ação psíquica agregada: ... consiste na constituição do eu [...], imagem unificada pela qual o sujeito se representa a si mesmo, o que permite à libido tomar essa imagem como objeto total. Esta diferenciação [...] permite intuir uma origem para o desejo (movimento psíquico em direção a um objeto representado) a partir da pulsão, definindo-o agora dentro da esfera sexual (p. 122).

Nasio (1997) refere que o narcisismo é um “... gesto essencial do eu que lhe permite transformar o objeto real em objeto fantasiado” (p. 38). Considera-o uma “torção do eu”, pois possibilita que ele mesmo tome o lugar do objeto sexual para se fazer amar e desejar pela pulsão sexual – “... amar a si mesmo como objeto sexual” (p. 38). Ainda para o autor, “... o amor

narcísico por ele mesmo, enquanto objeto sexual está na base da constituição de todas as nossas fantasias” (p. 38).

A partir dessas considerações, podemos pressupor que a nova ação psíquica agregada ao autoerotismo vem, em grande parte, do lado de fora do organismo, ou seja, do lado do objeto, objeto este que, para o bebê, ainda não é considerado como tal. Nesse sentido, para poder acionar um investimento no objeto que oferecerá a possibilidade de desmembrar libido narcísica de libido objetal, esse corpo precisa ter sido tomado como objeto de investimento por alguém. A ação psíquica agregada necessária para a constituição do narcisismo poderia ser os investimentos vindos do outro, personificado, geralmente, na Tabela mãe. Assim, a saída do autoerotismo para o narcisismo somente poderia acontecer desde que esse corpo autoerótico fosse objeto de investimentos amorosos vindos de um outro corpo. De alguma forma, pode-se pensar que a costura libidinal necessária para a saída do desmembramento autoerótico acontece, justamente, porque esse bebê foi tomado como objeto de desejo para uma mãe, sendo investido libidinalmente a partir do seu próprio narcisismo.

Sabemos também que as questões relativas à constituição do narcisismo infantil estão interligadas às questões psíquicas dos pais. Assim, podemos pensar a respeito do renascimento do narcisismo parental quando do nascimento de um filho. Freud (1914/1990a) refere que: “O comovedor amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa que o narcisismo ressuscitado dos pais que, em sua transmutação ao amor de objeto, revela sua primitiva natureza (p. 88).”

Esses questionamentos trazem à tona a importância de se tomar o filho desde o narcisismo parental.

O renascimento e a reprodução do narcisismo dos pais na relação com a criança encontram-se indicados pela supervalorização da sua atitude emocional em relação ao filho. Além das contribuições de Freud, o conceito de narcisismo foi também enriquecido pela perspectiva lacaniana.

Essa proposta decorre de outro texto freudiano:

Em o Luto e melancolia (cf. 1917/1990b), onde há uma referência de que, nas afecções narcísicas, a identificação toma o lugar do amor objetal. A colocação de pensar que: "... a transformação do eu só é possível sob a condição de que algo ocorra no terreno da identificação, exclusivamente discursivo"(p. 277).

Para Lacan (1949/1988), o estágio do espelho é uma identificação:

[...] a saber, a transformação produzida num sujeito quando assume uma imagem, cuja predestinação a este efeito de fase está suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do termo antigo imago (p. 87).

Esta transformação está relacionada ao "novo ato psíquico", indicado por Freud (1914/1990a) na constituição do eu. O eu precisa ser desenvolvido, ele não se encontra lá desde o nascimento e, para que isso ocorra, algo tem que se somar às pulsões para a constituição narcísica. Essa nova ação psíquica

necessária para dar forma ao narcisismo foi interpretada por Lacan (1986) como sendo a origem imaginária da função do eu. Podemos pensar que, de alguma maneira, o sujeito encontra-se predestinado a assumir ou a identificar-se com a imagem refletida no espelho, no sentido de que ela lhe foi indicada nas relações anteriores em função dos desejos e espelhamentos dos *outros maternos* desse bebê em particular. O narcisismo surgiria, então, do estágio do espelho.

Apesar de partir de outra perspectiva psicanalítica, não podemos deixar de considerar a posição de Winnicott (1972), inspirada, segundo o próprio autor, no artigo de Lacan (1949/1988). Winnicott propõe que o rosto da mãe seria o precursor do espelho no desenvolvimento individual da criança. O bebê, quando mama, não olha para o seio, mas para o rosto da mãe e, mais especificamente, para o olhar materno. Nesse sentido, o autor sugere “que, geralmente, [o bebê] enxerga a ele mesmo. Em outras palavras, a mãe o olha e, o que ela parece, relaciona-se com o que vê nele” (Winnicott, 1972, p. 148). Quando a mãe não retorna ou não responde a esse olhar, o bebê não enxerga a si mesmo.

Então, podemos pensar que para um sujeito investir libidinalmente em um objeto, ele precisa, originalmente, ter sido investido por um outro, ou seja, para tornar-se sujeito foi necessário passar pela posição de objeto. Segundo Green (1988), que refere que o narcisismo pode ser entendido como um “...objeto interno substitutivo que vela pelo Eu como a mãe vela pela criança. Ele cobre o sujeito e o choca” (p. 57). Assim, não

podemos desvincular a constituição do narcisismo da relação primordial do bebê com a mãe.

A partir da abordagem teórica acima explanada, gostaria aqui de apontar o paradoxo: Na busca de um corpo perfeito, o que muitas encontram é a devastação, pois se submetem a cirurgias plásticas que não garantem alcançar o resultado desejado, e se o alcançam, será momentâneo. Outras, deprimidas por causa da mutilação feitas por “cirurgiões” desconhecidos que vêm nessa ilusão de completude da mulher uma oportunidade de aumentar seus lucros, atendendo ao imperativo da lei do mercado que as coloca no lugar de objetos (de consumo), anulando a sua subjetividade. É aí que o analista é convocado para esse lugar onde a ciência parece não dar conta, pois se trata da subjetividade do sujeito. As dificuldades psíquicas não podem ser sanadas pelo discurso da ciência objetiva, já que estamos no campo do desejo que, por sua vez, está sempre presente nas manifestações da linguagem.

Entendemos que o problema não é a cirurgia plástica, e sim o fato dessa prática estar aliada ao capitalismo que a oferece como mais um objeto para imaginariamente termos a ilusão de sermos seres sem falta. Além disso, é própria do ser humano a tendência em querer anular as diferenças, na tentativa de com isso neutralizar o mal-estar. A cada dia, a vida passa a ser banalizada e, numa total inversão de valores, a subjetividade ser substituída por objetos de consumo. Cabe aos analistas guiarem-se por uma vertente ética e posicionarem-se frente a mais esse “mal-estar” na civilização. Na visão de Rosa (1998):

“A civilização ocidental esparrama-se pelo mundo e promove o aplainamento das diferenças entre as culturas, a que se segue a perda dos elos históricos e de tradição que solidificam o contato com a comunidade, prenuncia também que se rompem ideais sociais; deixa de haver compromisso com projetos e passa-se a observar a melhor propaganda, como instrumento de convicção e medida de convencimento”.

Sabe-se que a globalização da imagem é possibilitada e criada, dentre outros, pelo discurso da ciência através da medicina estética e da expansão tecnológica. Desta forma, a imagem reproduz-se, e a mulher é solicitada a identificar-se com a imagem da mulher *perfeita-mente-bela*. Ela se doa para ser produzida e reproduzida incessantemente. Aqui, não há troca simbólica, pois a troca se faz com o diferente e não com o especular. Mas como pode a mulher, esse ser que se sente privada desde sempre dos atributos fálicos, resistir a essa sedução que promete a completude?

Como a mídia e a sociedade globalizada apontam para um ideal de beleza e perfeição, encarnado pelas “maravilhosas” top-models e a propaganda mais atual promete que se a mulher tiver seios grandes, nariz afilado etc. será bem-sucedida, terá poder, será, enfim, reconhecida. Por um tempo, o sujeito feminino não entra no enigma entre o desejo e o gozo.

Para a psicanálise, o que anima o desejo é a referência ao ideal do eu, cuja matriz simbólica é o significante do Nome-do-pai, pois não existe desejo sem lei, ou seja, sem falta, sem castração,

enquanto que o gozo está articulado ao eu ideal que faz com que o sujeito tente buscar o objeto miticamente perdido na dimensão do real, como é o caso da cirurgia estética (em excesso), escarificando o corpo. Mas, como a pulsão de morte está presente o tempo todo, logo esse ideal, que tem sustentação apenas no imaginário, se desmorona; e quando a moda disser que agora ser bela é ter seios pequenos, ela novamente irá atrás desse imperativo e se colocará a caminho pela via da identificação com um discurso que diz saber o que é ser a mulher ideal.

Sabendo que os psicanalistas não devem desconhecer os problemas de sua época, e sim tentar compreender as questões que se referem à construção da subjetividade e do laço social, interrogamos: A que essa busca por um corpo perfeito vem responder? Quais as repercussões dessa oferta e dessa demanda para a subjetividade feminina? Qual a contribuição possível que os psicanalistas podem oferecer? Quais os limites de nossa prática?

Segundo Alain Grosrichard (1994), o imaginário não se restringe ao campo das imagens, mas é também construído em torno do campo das identificações, através da relação com o pequeno outro. O autor nos alerta para o que diz Freud sobre o mal-estar na civilização, ou seja, que existe um sentimento de culpa inconsciente que faz com que toda liberalização reforce, de certa forma, essa culpa inconsciente. Diz ainda que há de fato uma proliferação de imagens através da publicidade, demandando do sujeito uma identificação com um certo número de ideais encarnados nas imagens tanto da mulher quanto do homem. A mídia apresenta um sistema de papéis sexuais como modelo, e o

sujeito sente-se culpado o tempo todo por não atender a estes ideais.

Pensar o imaginário social nos ajuda a compreender a formação particular subjetiva e como está se dando o laço social na modernidade. Sendo assim, vale interrogar o que se passa com as mulheres que se submetem a várias cirurgias estéticas. Qual é a imagem de perfeição na qual estão alienadas? Ou dito de outra forma, que ideal é esse, oferecido pela cultura que promove cola e não separação?

Sabemos que essa obsessão pelas formas perfeitas faz alusão ao desejo, mas aponta para o gozo. No seminário VII, Lacan diz que o gozo narcísico, ou seja, o gozo do UM é um gozo que tenta escapar à castração. Esse gozo do UM decorre de uma marca que o significante produziu no corpo e que está fora do simbólico, é o gozo do Outro imaginário. Sendo assim, no lugar de Ideal do eu, há o culto à imagem, ou novas formas de fantasias imaginárias para os quais a mídia colabora referendada pela medicina estética.

Constata-se uma alienação a um discurso produzido pelo mercado com a conivência da ciência e a complacência das mulheres. Discurso sustentado pela cultura da imagem que aponta a falha e o saber como repará-la. Assim, o significante corpo ideal se perde como gozo desenfreado no imaginário feminino.

É importante lembrar que para Freud (1923), a mulher sente-se inferiorizada, pois entende a castração como ferida narcísica. Desta forma, diante do mito do corpo perfeito, ela sente-se privada no real de algo a que teria direito, ou seja, um corpo sem faltas, sem falhas e, assim, não poupa sacrifícios para que este sonho se realize. Para a psicanálise, isso seria uma maneira do sujeito feminino não se deparar com a realidade da falta. Como diz (Kupfer, 2000): *“Somos constituídos por uma falta que nos funda, mas nos condena à insatisfação estrutural e à infelicidade”*. Entendemos que o problema dessas demandas esteja centrado no fato de que se assiste a uma escarificação do próprio corpo em resposta ao ideal de beleza imposto pela cultura que acena e seduz com a possibilidade do sujeito recuperar o gozo perdido.

Jacques Lacan aponta no seminário XX (1972-1973), que o gozo do Uno é aquele solitário que não tem qualquer relação com o Outro. Assim, dá-se o imperativo de um gozo mortífero, fazendo com que o sujeito tente não se deparar com a castração. *“... no desejo de todo pedido, não há senão a requerência do objeto a, do objeto que visa satisfazer o gozo...”* É como substitutos do Outro que esses objetos são reclamados e se fazem causa do desejo. Sendo assim, nossa hipótese é de que a medicina estética esteja oferecendo ao sujeito uma forma de gozar do próprio corpo, em uma relação fetichizada entre o sujeito e os objetos de consumo, recalçando a relação entre as pessoas.

Nesse sentido, vemos o “avanço” da ciência fazendo um forte apelo ao imaginário e, com isso, chegando a causar sérios

prejuízos ao corpo e ao psiquismo das mulheres. Freud não via a cultura como um processo em evolução no sentido positivo do termo. Ao contrário, ele diz que a própria evolução converte-se em fonte de agressividade e que o domínio da natureza desencadeia a onipotência e a violência entre os homens. Sendo assim, como fazer barreira ao gozo?

O psicanalista deve interrogar a cultura de seu tempo e de outras épocas para com isso pesquisar o campo, aperfeiçoar a teoria e marcar sua presença diante do mal-estar na civilização. Portanto, entendemos que os psicanalistas não devem assistir a essa escarificação como simples expectadores, mas tentar fazer um enfrentamento dos sintomas contemporâneos, estabelecendo a relação do homem com a cultura em que vive, pois a constituição subjetiva está articulada à sociedade. Os processos civilizatórios têm semelhança com o desenvolvimento libidinal, o qual Freud aponta no “mal-estar na civilização”.

A relação analítica poderia dar um contorno para esse gozo desenfreado, mas como esperar o sujeito passar da transferência imaginária para a simbólica, fazer um ato falho, sonhar, estruturar o sintoma etc., num mundo onde tudo tem que ser rápido e fugaz? Isso aponta-nos um longo caminho a percorrer, onde a tarefa é árdua, pois sabemos que dependemos de verdades que são estruturadas uma de cada vez, e entram nessa estruturação vários elementos como, por exemplo, os sociais, os econômicos, os culturais etc. Sabemos que para colocar um ponto final no gozo desenfreado é necessário que a função de um outro simbólico, isto é, um Outro que represente um ideal do eu, já que o sujeito

está em uma posição narcísica, oferecendo-se ao gozo do Outro imaginário.

Segundo Freud (1929, p.93/94), o ser humano para suportar os sofrimentos, as decepções e as tarefas impossíveis, busca satisfações substitutivas, que, na verdade, são apenas ilusões em contraste com a realidade, mas que trazem eficácia. Isso nos coloca frente a um impasse, que é o de questionar os modos de gozo na contemporaneidade. Entretanto, nosso instrumental de trabalho é a linguagem que limita o gozo e diminui o sofrimento humano ao circunscrever os objetos, pois vai além de nossa consciência e de nosso imaginário. O sujeito para a psicanálise não é vítima de suas ações, é responsável por elas. O corpo não é apenas orgânico, é o corpo imaginário, simbólico e real. Dessa forma, interrogamos: como e qual o limite da psicanálise para intervir sobre os modos de gozo?

Preocupa-nos o fato de que não é apenas uma questão estética, e sim algo da cultura da imagem.

A mídia tenta fazer com que a mulher aceite, sem questionar, algo no quais os ideais simbólicos se perderam; e isso faz com que ela aja a partir do imaginário, marcando o corpo no real, na tentativa de evitar a fragilidade, a velhice e a finitude.

A seguir, dividirei com vocês um fragmento clínico, que causou inquietação e remeteu-me a uma série de interrogações.

Antes, vale a pena citar Freud (1914) em Introdução ao narcisismo:

“As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo autocontentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetal... Tais mulheres exercem o maior fascínio sobre os homens, não apenas por motivos estéticos, visto que em geral são as mais belas, mas também por uma combinação de interessantes fatores psicológicos, pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal”.

Uma paciente, a quem chamarei Rosa, foi levada a procurar um tratamento psíquico para curá-la de sua angústia, num momento em que algo vindo do real irrompeu em sua vida, transformando-a num verdadeiro inferno. A causa desse sofrimento tão grande foi uma mulher bem mais jovem pela qual seu marido a trocou. Casada há mais de 15 anos, essa mulher só conhecera sexualmente esse homem, a quem disse ter-se dedicado a vida toda. Contou à analista já ter suportado muitas dificuldades no casamento: agressões, traições, mentiras etc., mas que, ser trocada como *mercadoria* por uma mulher mais jovem, não podia suportar, seria melhor morrer e era o que ela estava tentando fazer. Trancou-se em um quarto da casa, ficando vários dias sem comer na *esperança* de morrer, em termos psicanalíticos, de desaparecer como sujeito. Ainda, diz ela, somente o que conseguiu foi emagrecer e ficar ainda mais feia.

No tempo das entrevistas preliminares, à medida que ia permitindo a associação livre e relatando a sua história, ia construindo novas significações para seu sofrimento e libertando-se de um gozo mortífero que a invadia e paralisava qualquer ação. Começou a cuidar-se, a viajar e já planejava arranjar um trabalho. “Curiosamente” pretendia abrir um restaurante. A analista tinha a impressão de que as coisas caminhavam bem. No entanto, não ocorria a reviravolta subjetiva que a colocaria responsável pelo seu próprio drama, e a clínica mais uma vez nos surpreende. Um dia *Rosa* chegou ao consultório, eufórica, dizendo que daquele momento em diante iria *investir, mais ainda*, em si mesma. Disse que esse desejo fora despertado pela propaganda de uma revista feminina sobre as maravilhas da cirurgia plástica. Ela lera que a miss Brasil 2001, fizera 19 cirurgias plásticas para ficar perfeita. O que seriam algumas cirurgias para que ela pudesse reconquistar seu marido e trazê-lo de volta, já que entendia que fora seu corpo que ele abandonara? Disse que ele até tinha certa razão, pois ela mesma nunca se achara bonita, repudiava assim seu próprio corpo e o acusava ser o responsável pela sua infelicidade. Na sessão seguinte, relatou o projeto de reforma ao qual iria se submeter: começaria pelo nariz, era grande demais, aumentaria os seios com silicone, já que a moda era ter seios grandes, faria uma lipoaspiração na cintura, clarearia a pele. Dessa forma, reconquistaria esse homem que havia perdido para uma mulher jovem e bela. *Rosa* via o seu próprio corpo desde onde supunha que seu ex-companheiro o vira, e iria, assim, como muitas outras mulheres tentar realizar sua fantasia no real.

Entretanto, para realizar esse projeto, teria de abandonar o trabalho psicanalítico, pois iria *investir* no próprio corpo. Precisaria *poupar* para isso e, além do mais, já tinha percebido que a análise era um processo demorado, enquanto que a cirurgia seria algo bem mais rápido. *Rosa*, paradoxalmente, não podia esperar.

É oportuno lembrar que, por inúmeras vezes, a nossa função como analista nos coloca frente à impossibilidade de um sucesso no manejo da transferência e que, nesses momentos, somos apenas testemunhas de um gozo que invade o sujeito e para o qual ele se oferece de corpo e alma. Além do mais, como competir com um discurso que acena com a ausência de falta, quando o analista está justamente presentificando a falta? A analisante não recebeu da analista uma posição que transmitiria a ela a verdade. O que a analista poderia transmitir ao longo do percurso seria apenas a impossibilidade de uma resposta, e, assim, talvez fizesse com ela pudesse enfrentar as questões subjetivas que estavam atravessando seus caminhos.

Rosa deixou a análise fazendo um curto circuito entre o desejo e o gozo, fechando a possibilidade de qualquer simbolização, respondendo ao mal-estar na cultura com intervenções no próprio corpo. Para começar uma análise, é preciso subjetivar o sintoma pela qual somos afetados. Não há só o ato do psicanalista, é necessário também um ato do próprio sujeito. *Rosa* buscou, assim, alcançar através do real aquilo que não pôde ser alcançado através das palavras, pois para essa *im-paciente*, o projeto de reforma do próprio corpo lhe parecia fundamental e se apresentava como saída mais rápida da solidão, já que para ela a perda não operou como causa do desejo.

Para concluir, saliento que as reflexões teóricas e a experiência clínica insistem em nos lembrar que há no mundo atual um distanciamento do outro social, isto é, a prevalência de uma solidão induzida, deixando o sujeito feminino aos caprichos de um ideal tirânico. O psicanalista é chamado a intervir, muitas vezes, quando não há quase mais nada a fazer. Todavia, aprendemos com Lacan, que o discurso psicanalítico pode fazer barreira ao gozo mortífero na contemporaneidade. Ao sugerir que o avesso da psicanálise é o discurso do mestre, Lacan nos aponta duas vias: a primeira é atender os efeitos das perdas e danos no que diz respeito ao sujeito singular pelo caminho da análise individual; e o segundo é praticar a psicanálise em extensão, isto é, dialogar com outros campos do conhecimento para remeter o sujeito ao seu próprio saber e com isso operar os giros dos discursos, advertidos que somos no que diz respeito à castração.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. Edição Standart Brasileira das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1977. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução, v. XIV

(1914) Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, v. XIV

(1923) O ego e o Id v. XIX.

(1929) O mal estar na civilização, v. XXI

LACAN, Jacques, Escritos, (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu, Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques, 1972-1973, Seminário XX “Mais, ainda”.
Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1972.

ROSA, M. D., “A subjetivação nas configurações familiares da
“Pós-Modernidade”, artigo na revista Psicanálise e Universidade –
São Paulo, n 9 e 10, pp.79-104, jul./dez.1998.

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.